

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**

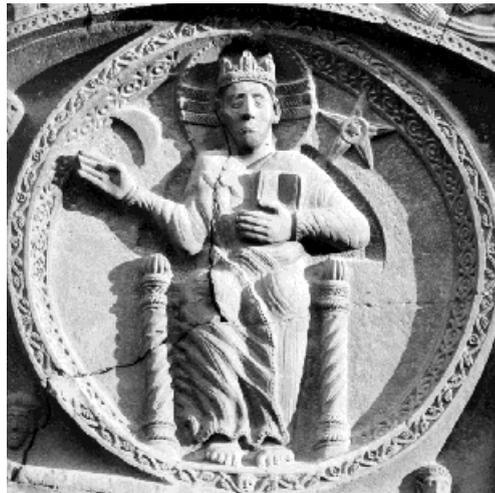


**Fundamento
bíblico-
profético
da missão
franciscana**



Lição 5

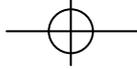
Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



Fundamento bíblico- profético da missão franciscana



Lição 5



Copyright

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Maria Crucis Doka OSF, Patricia Hoffmann,
Margarethe Mehren OSF, Andreas Müller OFM,
Othmar Noggler OFMCap e Anton Rotzetter OFMCap

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner

Para a aquisição desta lição ou de outras, favor entrar em contato com:



**FAMÍLIA FRANCISCANA
DO BRASIL**

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

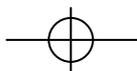
PABX (0 XX 24) 242.5247 e 242.1300

FAX (0 XX 24) 242.7644

Email ffb@compuland.com.br

Página 2

Fundamento bíblico-profético da missão franciscana - Lição 5





Índice

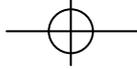
Fundamento bíblico-profético da missão franciscana

Texto das Fontes	5
Como Francisco mandou advertir o Rei Otão	
I. Introdução	7
II. Visão de conjunto	8
III. Informação	
1. O movimento partiu de noções errôneas	9
1.1. Os conselhos evangélicos	9
1.2. O verdadeiro ponto de partida: os profetas bíblicos	10
2. A vocação de Israel	10
2.1. Ouvir	10
2.2. Manter a Aliança	11
2.3. Ser sacerdotal	11
2.4. Ser santo	12
3. Os sacerdotes	12
4. Os profetas	14
4.1. Profetas individuais	14
4.2. As comunidades proféticas	15
4.3. Compromisso profético em favor dos pobres e da justiça	16
5. A intenção profética do Novo Testamento	17
5.1. Jesus e seus discípulos	17
5.2. A Igreja	18
6. As Ordens religiosas como comunidades proféticas	20
6.1. Uma situação mudada	21
6.2. O modelo da Igreja primitiva	21
7. Francisco de Assis e seu movimento	22
7.1. O elemento profético em Francisco de Assis	22
7.2. O elemento profético em Clara de Assis	23
7.3. Hoje o movimento franciscano continua profético?	23
IV. Exercícios	25
V. Aplicações	28
VI. Bibliografia	31
VII. Legendas das ilustrações	32





*„Enviei-vos, sem cessar, meus servos, os profetas...
Vós, porém, não me destes ouvidos“ (Jr 35,15).*



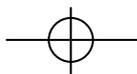
Texto das Fontes

omo Francisco mandou advertir o Rei Otão

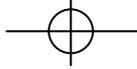
Certa vez, quando queria ensinar a seus irmãos que Deus é o único necessário, São Francisco recolheu-se com eles em Rivotorto. Neste lugar, retirou-se numa cabana abandonada onde procurava o encontro com o Senhor.

Passava por ali, naquele tempo, o Rei Otão, para receber em Roma a coroa do império terreno. O santo pai Francisco e seus companheiros, cuja cabana ficava à beira do caminho, apesar do enorme ruído e pompa, nem saiu para vê-lo nem permitiu que ninguém olhasse, a não ser um, para anunciar-lhe repentinamente que sua glória ia durar pouco.

Neste incidente, Francisco se assemelhava a um profeta do Antigo Testamento. Fez como Eliseu que mandou seu servo ao encontro de Naamã, o grande comandante das forças armadas do rei dos arameus (cf. 2Rs 5; Lc 4,27). Também Francisco indicava aos grandes deste mundo onde se encontra a verdadeira grandeza (cf. 1Cel 43).





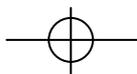


Introdução I.

ão pôr outro fundamento senão aquele que está posto

„Pois, quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro senão aquele que está posto“, eis a intenção de Francisco de Assis (1Cor 3,11; 1Cel 18). Conscientemente, se identificou com a tradição bíblica. Por isso, o movimento franciscano também terá que incorporar-se na tradição judaico-cristã.

Daí a necessidade de buscar estes fundamentos, talvez desconhecidos, e de estudá-los, caso ainda não estivermos conscientes de sua existência.





Visão de Conjunto

II.

Evitar-se de noções errôneas sobre os fundamentos bíblicos da missão franciscana



A pergunta pelos fundamentos bíblicos da missão franciscana merece mais do que uma resposta superficial. Veremos que será necessário primeiro acabar com noções errôneas antes de atingir o essencial. A vocação do movimento franciscano situa-se no mesmo nível que a vocação do povo de Israel. Trata-se de uma aliança que Deus conclui com um povo. Este povo lhe será obediente, vivendo em comunhão amorosa com o Senhor e conduzindo outros a Deus pelo serviço sacerdotal, visto que será repleto da santidade de Deus.

A partir deste fundamento, será necessário falar dos profetas e das comunidades proféticas. Surgiam cada vez que Israel se mostrava infiel à sua vocação.

Observando atentamente, é possível constatar que Jesus e a Igreja primitiva estão incorporados, igualmente, à tradição profética. A vocação de Israel se cumprirá em uma Nova Aliança.

Enquanto a Igreja ainda não perdera o seu vigor, enfraquecida pelo inter-relacionamento com a sociedade profana, não havia necessidade de uma vocação profética. Essa necessidade surgiu a partir de um acontecimento histórico quando, no ano 325 dC, durante o império de Constantino, o cristianismo foi declarado religião do Estado. A partir daí, voltaram a aparecer pessoas que assumiam a tarefa dos profetas; ou seja: religiosos e religiosas, que procuravam manter-se fiéis aos ideais da Igreja primitiva e pautavam o seu estilo de vida de acordo com esse modelo.

Finalmente, será preciso perguntar qual o lugar que Francisco ocupa dentro desta tradição profética e, derivadas daí, quais as exigências que se apresentam à família franciscana.



Informação

III.

movimento partiu de noções errôneas

1.

Chama atenção o fato de que a vida religiosa não é mencionada nem uma vez na Sagrada Escritura. Isto poderá causar uma maior estranheza visto que a vida religiosa constitui para muita gente um dos sinais distintivos mais marcantes da Igreja.

Os conselhos evangélicos

1.1.

Há uma opinião vigente e bastante generalizada segundo a qual Jesus teria estabelecido a vida religiosa, baseando-se naquilo que posteriormente se convencionou chamar de „conselhos evangélicos“. Esta opinião é errada e equívoca. Já a comunidade primitiva, mencionada no Novo Testamento, reagiu fortemente contra a idéia de que existissem dois tipos de discípulos, isto é, duas espiritualidades, entre os quais todos os seguidores de Jesus teriam que escolher. Nesta disputa, estava em jogo a essência mesma da Igreja primitiva.

A carta aos Gálatas, a „carta magna“ da liberdade cristã, fornece uma prova nítida desta tese: Paulo resistiu violentamente ao ponto de vista de Pedro. Achava que não era lícito dividir a comunidade eclesial entre pessoas que querem simplesmente viver o Evangelho, e outras pessoas que procuram completar o Evangelho por uma quantidade de regras e diretivas suplementares (cf. Gl 3).

De acordo com Paulo, é verdade que a pessoa tem que decidir-se entre duas possibilidades, porém não entre duas espiritualidades ou dois caminhos igualmente capazes de conduzir a Deus. Ao contrário, Paulo só faz uma distinção entre:

- a „vida na carne“, quer dizer, uma vida sem Jesus, ou seja, uma vida que escolhe o isolamento egoísta;
- ou uma „vida no espírito“, isto é, uma vida com Jesus, uma vida com Deus, uma vida em solidariedade com todos os seres humanos.

Portanto, não existem dois caminhos para Deus, mas uma única espiritualidade válida para todos.

Repitamos: „Um estudo cuidadoso do Novo Testamento mostra que não existe indicação alguma que afirme a existência de dois tipos de cristãos, um deles chamado a um ideal mais sublime que o outro“ (J. Tillard).

J. Murphy-O'Connor, OP, chega até a afirmar: „Se a existência dos conselhos evangélicos é admitida como tal, então afetam todos os cristãos, sejam quais forem“ (p. 4s).



O verdadeiro ponto de partida: os profetas bíblicos

1.2.

Não é lícito, portanto, deduzir a vida religiosa de uma palavra do Novo Testamento. Mas isto não quer dizer que ela não tenha fundamento bíblico algum. As suas raízes, pelo contrário, mergulham profundamente na tradição bíblica. Em última análise, remontam ao movimento profético do povo de Israel, destinado a alcançar o seu ponto máximo em Jesus e seus discípulos, para desembocar depois na vida religiosa, na qual recebeu as mais variadas expressões, sendo uma delas a forma escolhida por São Francisco.



A vocação de Israel

2.

Para poder entender o profetismo, é preciso entender primeiro a vocação especial do povo de Israel:

„Agora, se realmente ouvirdes minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos. De fato, é minha toda a terra, mas vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa“ (Ex 19,5-6).

Neste texto central podemos distinguir dois aspectos:

- do lado de Deus: só existe graça, escolha, vocação. Deus quer ser o que seu nome promete: Javé, uma presença criadora e salvadora. Seu povo nunca mais será abandonado.

- do lado do povo: há quatro elementos a cumprir: deve ouvir a voz de Deus, manter a Aliança, ser sacerdotal e ser santo.

Ouvir

2.1.

Se o povo de Deus não for um povo atento, capaz de ter o ouvido apurado para distinguir a voz de Deus, então deixa de existir como povo. A palavra hebraica „ouvir“ (= *shamah*) é a mesma que „obedecer“, „responder“. O elemento constitutivo, portanto, que faz do povo um „povo de Deus“, é, em primeiro lugar, a abertura para Deus, e o tempo que emprega para ouvir o que a voz de Deus declara, aqui e agora.

Manter a Aliança

2.2.

É difícil explicar exatamente o significado da palavra hebraica *berith* (= aliança). Paulo, por sua vez, a traduziu pela expressão grega *diatheke* que quer dizer: „testamento“. Indica o mistério que há no nosso relacionamento com Deus e entre nós. Porém, como exprimir o inexprimível, como captar por palavras o profundo mistério da vida? No Antigo Testamento, muita gente se esforçou por fazê-lo, lançando mão de comparações. Oséias compara a relação entre Deus e a humanidade com o relacionamento de amor que deve existir entre homem e mulher. Duas pessoas humanas que se unem para uma vida em comum, não somente pela sua proximidade sexual, pela qual celebram o seu amor, mas pela totalidade de sua vida partilhada. Oséias, porém, reconhece que essa comparação é insuficiente. Começa, então, a utilizar outra imagem: apela ao amor dos pais pelos filhos (Os 11).



Talvez fosse possível traduzir a palavra *berith* por „comunidade“. Mas também esta palavra tem vários significados. Parece isto inevitável, uma vez que também a nossa relação com Deus é multifacetada e pluriforme. Os israelitas, assim como nós também, precisavam buscar sempre novas expressões para descobrir o que significa ser „o povo de Deus“. Nós, tampouco, somos capazes de explicar o que significa pertencer a um povo que fez aliança com Deus. Por isso, temos de procurar sempre novas maneiras de celebrar e de viver essa aliança. Somente assim outras pessoas podem chegar, um dia, a entender por que somos como somos. Então chegará a hora deles, de questionar a própria vida.

Ser sacerdotal

2.3.

Acabamos de dizer que a Aliança tem que ser celebrada. O povo de Deus precisa ser um povo sacerdotal. Em outras palavras: precisa transmitir a realidade de Deus. A maneira como nós vivemos conduzirá outros a reconhecerem o Deus invisível. É a comunidade que tem que ser capaz de chamar a atenção dos outros para que cheguem



a captar a presença de Deus vivo. Conseguirá isto à medida que vive, ama, confia, partilha e celebra junto. Portanto, é preciso estar consciente do fato de que uma existência verdadeiramente sacerdotal inclui necessariamente o anúncio da Boa-nova. Seu significado é: chamar a atenção de outras pessoas para o Deus vivo de Amor e conduzi-los a entregar-se a Ele. Isto acontece não tanto por meio de palavras, quanto pela maneira de viver.

Ser santo

2.4.

Essa forma de vida deve ser santa. Na Bíblia, „santidade“ significa: pertencer a Deus, saber-se acolhido pela realidade de Deus, participar de sua vida e do seu amor, estar submerso naquele outro, totalmente diferente, que é Deus.

Santidade significa também: olhar a vida e o mundo a partir do ponto de vista de Deus, procurar um estilo de vida que tenha como referência este ponto de vista. Assim, o círculo se completa: o mergulhar na realidade de Deus equivale a um contínuo escutar a voz de Deus.

Até um dos profetas mais sublimes, Elias, teve de aprender que Deus não fala sempre de modo como a gente gosta ou pensa (1Rs 19). Esperava que Deus se manifestasse ao seu povo através de uma grande tempestade, de um terremoto ou de um incêndio. Esperava uma linguagem que abalasse e assustasse. Deus, porém, não quis manifestar-se assim. A sua linguagem foi semelhante a „*uma brisa suave e amena*“. Só pode ouvir bem quem estiver aberto a todas as possibilidades que Deus usa para manifestar-se. Somente assim, um povo pode ser santo. Somente assim, é capaz de ser um povo que fez aliança com Deus.



s sacerdotes

3.

Havia, no povo, um grupo especial de pessoas, destinadas quase profissionalmente a „ouvir a voz de Deus“. Eram os sacerdotes. A sua tarefa primeira era: anunciar a *torah*. Infelizmente, o judaísmo ulterior confundiu, com freqüência, *torah* e Lei escrita. Assim surgiu a impressão errônea de que tudo o que Deus quis manifestar já estava contido integralmente na Lei. No início, não era assim: a palavra *torah* era sinônimo de Vontade de Deus.

Uma segunda tarefa, menos importante, dos sacerdotes era o culto religioso. Porém, quando o culto começou a crescer em importância, assumindo o primeiro lugar, o anúncio da *torah* teve que sofrer. O sentido da liturgia é: ajudar o povo a celebrar o seu relacionamento com Deus e o relacionamento entre si. Por desgraça, quando a *torah* já não era mais conhecida, também não se tinha mais clareza sobre esse relacionamento. Sem a *torah*, sem a procura atenta da vontade de Deus, o ritual litúrgico começou a esvaziar-se, não passando de um invólucro vazio e de uma série de fórmulas sem sentido. Aí o povo chegou a imaginar que seria possível manter Deus favorável por meio de manipulações. Nesta hora, o culto religioso deixou de ser a expressão de um relacionamento vivo e real.



A perda da vocação sacerdotal conduziu a uma crise de identidade do povo hebraico: *„Pois, na realidade, o meu processo é contra ti, ó sacerdote. Tropearás de dia, e de noite tropeçarás contigo também o profeta... Meu povo será destruído por falta de conhecimento. Por teres rejeitado o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio; por teres esquecido o ensinamento de teu Deus (= torah), eu também me esquecerei de teus filhos“* (Os 4,4-6).

„Conhecer“ (= *yada*) não se refere a um conhecimento teórico, mas ao conhecimento de uma pessoa, que pode chegar até o ponto de fundir duas vidas em uma só. No seu significado mais profundo, esta palavra é usada para celebrar a unidade total entre homem e mulher: *„O homem, Adão, conheceu Eva, a mulher“* (Gn 4,1). O problema, visto por Oséias, não era o conhecimento insuficiente do „catecismo“, por parte do povo, mas o fato de o povo ter deixado de amar a Deus. *„Suas obras não lhe permitem voltar para o seu Deus, pois um espírito de prostituição está dentro deles, e eles não conhecem o Senhor“* (Os 5,4).

Esta mesma significação impregna as palavras de São Paulo, quando escreveu, anos depois da sua conversão: *„Anseio pelo conhecimento de Cristo“* (Fl 3,10). Não se queixa de não ter bastante tempo para prosseguir nos seus estudos cristológicos, mas anseia por uma intimidade mais profunda com o Senhor.





s profetas

4.

Mais uma vez: os sacerdotes descuidaram do anúncio da *torah*. Como conseqüência, o povo já não „conhecia“ mais o seu Deus, isto é, não vivendo mais em união amorosa com Ele, submergiu em uma profunda crise de identidade. Era preciso que Deus mesmo interviesse. Chamou os profetas. A tarefa deles era: recordar aos sacerdotes a sua obrigação primitiva. Deviam reconduzir o povo à sua vocação primeira, vale dizer, à vocação de constituir um povo que ouça, que vive em comunhão com Deus, de maneira sacerdotal e santa.

Um profeta é uma pessoa que *„não permite que os meios sejam utilizados como fins, e que ritos exteriores sejam celebrados tendo por finalidade a si mesmos; (um profeta) é uma pessoa que nos lembra, continuamente, que a verdadeira significação do tempo presente está escondida no futuro, ou em um nível mais elevado; é uma pessoa que persistentemente aponta para o Espírito, oculto atrás de todas as formas exteriores e além de todas as letras escritas“* (Y. Congar).

Os profetas surgem em tempo oportuno. *„Sob que condições podem surgir profetas? Pode-se responder muito simplesmente: cada vez que há falta deles! Porém, quando é que fazem falta? Em épocas em que a comunidade esquecia a sua vocação, ficando, de certo modo, inativa e presunçosa. Pois, isto a torna incapaz de cumprir a sua missão, não percebendo mais em que consistia esta missão. Cada vez que o povo alcançava um bem-estar terreno, por meio de guerras, de política hábil ou de comércio lucrativo, sucumbia à tentação de esquecer a sua dependência ao chamado de Deus, perdendo assim a sua razão de ser. Então, já não tinha consciência da sua vocação de povo de Deus e acabava acreditando pertencer somente a si mesmo, tendo Deus, porém, ao seu lado. Nestas horas, a missão dos profetas consistia, essencialmente, na obrigação de reconvocar o povo à sua vocação“* (R. Haughton).

Profetas individuais

4.1.

Sempre de novo, surgiam grandes personalidades, repetindo e lembrando o chamado profético ao povo. Infelizmente, costumamos automaticamente associar a idéia de „profeta“ ao conceito: „palavra“ ou „sermão“. Porém, antes de falar com a boca, o profeta verdadeiro dava testemunho pela sua vida. Não teria credibilidade se o seu estilo de vida não fosse como um espelho que refletia a mensagem que recebeu para transmitir.

A mensagem essencial dos profetas, portanto, reflete-se na intensa e ininterrupta convi-

vência com Deus. Além disso, Deus convoca os profetas para que realizem ou deixem de realizar certos atos, desafiando assim o povo. Oséias, por exemplo, mostra o seu coração alquebrado e apreensivo por causa da infidelidade de sua esposa, dando nomes aos seus filhos, que chamam a atenção do povo. Um é chamado: *Lo-ruhamá* (= „desapareceu o amor“) e outro: *Lo-ami* (= „a aliança foi rompida“). Isto constituiu um verdadeira desafio ao povo, exigindo dele que repensasse o seu relacionamento com Deus (Os 1,8; ver também Jr 13 e 16 e Ez 4; 5; 12 e 24).

O profeta Jeremias deu um sinal sobremodo impressionante (Jr 13). Foi obrigado por Deus a passar pela cidade, mostrando o seu cinto sujo, malcheiroso e semi-apodrecido, quer dizer, uma peça de roupa que normalmente se colocava sobre o corpo como sinal da íntima união existente, ou seja, que deveria existir entre Deus e o seu povo de Israel. Em outras palavras: Jeremias procurava abalar o povo, que já havia abandonado a proximidade de Deus, afastando-se para longe dele, chegando a ser um povo sujo, fedorento, apodrecido, por causa dos seus pecados e das suas infidelidades. No capítulo 16, Jeremias dá toda uma lista de possibilidades, desafiando o povo mais pela sua vida do que pelas suas palavras. Também Ezequiel (cf. Ez 4; 5; 12; 24) chegou a colocar um sinal por sua vida e suas ações, denunciando a preguiça, a superficialidade, a auto-suficiência e a falsa escala de valores do povo.

As comunidades proféticas

4.2.

Existiam também comunidades proféticas, que davam testemunho profético através de sua vida comunitária e de um certo estilo de vida. Por exemplo, os discípulos de Isaías separaram-se do povo para ouvir e interiorizar a palavra profética. Queriam servir de „*sinais e presságios da parte do Senhor todo-poderoso*“ (Is 8,18).

Um outro tipo de comunidade profética foi formado pelos nazireus, dos quais conhecemos ainda as regras e os estatutos (Nm 6). Deviam abster-se de vinho e de qualquer bebida alcoólica. Essa renúncia visava lembrar ao povo a caminhada pelo deserto, quando vivia como nômade, privando-se do vinho e de muitas outras amenidades que uma vida normal de comenses





sedentários oferecia. Pois a boa vida afastava o povo da fidelidade e da abertura para Deus. A segunda proibição: „*Enquanto durar o voto de nazireato, a navalha não passará sobre a cabeça*“ (cf. Nm 6,5) visava o mesmo fim: o povo devia recordar-se do tempo em que vivia sob condições primitivas no deserto. De fato, é possível deduzir o quanto o povo se sentiu questionado pelo estilo de vida e o modo de proceder dos nazireus, pois tentou fazê-los calar (cf. Am 2,11s).

Outra comunidade profética nos é dada a conhecer através de Jeremias (Jr 35). Os recabitais que não somente renunciavam ao vinho, mas viviam como verdadeiros nômades: „*Nunca bebemos vinho, nem nós, nem nossas mulheres, filhos e filhas, não construímos casas para morar, nem possuímos vinhas, campos ou sementeiras; mas vivemos em tendas*“ (Jr 34,8). Foram sinais vivos, recordativos, das origens do povo de Israel, o êxodo do Egito e a caminhada pelo deserto. O povo de Israel, comparado à esposa de Javé pelo profeta Oséias, recordava constantemente, com uma certa saudade, aquele tempo ideal:

„*Por isso, eu mesmo a seduzirei, conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração... Lá, ela responderá como nos dias da juventude, como no dia em que subiu do Egito*“ (Os 2,16-17).

É o mesmo testemunho que ainda podemos ouvir no Novo Testamento:

„*Mas tenho contra ti que deixaste o primeiro amor. Considera de onde caíste, arrepende-te e pratica as primeiras obras*“ (Ap 2,4-5).

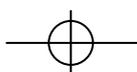
O testemunho profético não exigia dos outros que imitassem o estilo de vida da comunidade profética. Porém, a sua forma de vida devia servir de desafio, estimulando o povo a uma maior doação e à reordenação das suas prioridades.

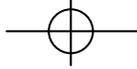
Compromisso profético em favor dos pobres e da justiça

4.3.

Vimos que os profetas, assim como as comunidades proféticas, procuravam fazer valer de novo, nas suas vidas e pela pregação, a *torah*, quer dizer, a vontade de Deus. Essa vontade de Deus, porém, não pode ser cumprida, enquanto os ricos exploram os pobres. Por isso, os profetas questionaram não somente elementos do culto judaico, mas até o próprio culto. „*O povo celebrava assim o seu estilo de vida, menosprezando a vontade de Deus, que se colocava de modo inequívoco do lado dos pobres*“ (B. Flammer).

„*Procurai-me e vivereis! Mas não procureis Betel, não entreis em Guilgal*“, profetizou Amós (Am 15,4-5). Portanto, o que conta não é uma piedade desligada da responsabilidade social, nem é um culto religioso que serve unicamente à auto-afirmação do povo, nem são os lugares sagrados onde os pobres não têm vez.





„Procurar por Javé, o advogado dos pobres, é a mesma coisa que fazer justiça ou superar o prejuízo causado aos pobres e fracos. Um verdadeiro culto a Deus cria justiça social. No meio das celebrações do povo, quando a música inundava tudo e os coros enchiam o ambiente com seu júbilo, quando a gordura dos animais imolados em sacrifício escorria pelas ruas da cidade, o profeta Amós reagiu: ‘Que o direito corra como a água e a justiça como rio caudaloso!’ (Am 5,24)” (B. Flammer).

Em toda a literatura profética do Antigo Testamento, reencontram-se sempre os mesmos temas fundamentais: o verdadeiro culto a Deus manifesta-se no serviço aos pobres, no senso comum (= *hesed*) e no engajamento em uma verdadeira justiça entre os homens.



A intenção profética do Novo Testamento

5.

O povo do Antigo Testamento foi sempre reconvocato à fidelidade por personalidades ou grupos proféticos, que lhe lembravam sua vocação primeira. Será que o Novo Testamento trouxe algo de totalmente novo, ou será que acabou alinhando-se nitidamente, nesta tradição profética?

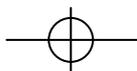
Jesus e seus discípulos

5.1.

Dentro da jovem comunidade cristã, Jesus foi considerado um profeta. E ele mesmo assumiu sua tarefa como tal, de outro modo não poderia ter declarado: „Só em sua pátria e em sua casa o profeta é desprezado” (Mt 13,57). Ele e aqueles aos quais se dedicava reconheceram que a sua missão estava na linha do carisma profético (Mt 16,24; 21,11.46). Como um profeta, juntou discípulos em volta de si, visando derrubar o legalismo e a autoridade absoluta das instituições da religião judaica e animando o povo a retornar à sua vocação original:

„Ele lhe disse: ‘Amarás o Senhor teu Deus, com todo teu coração, com toda tua alma e com toda tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. Mas o segundo é semelhante a este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas’” (Mt 22,37-40).

Não é nenhuma doutrina nova, mas uma citação textual da Sagrada Escritura dos judeus (Dt 6,5; Lv 19,18).





Convocava os seus discípulos a uma comunidade de amor:

„Eu vos ordeno que vos ameis uns aos outros“ (Jo 15,17). „Um novo preceito eu vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Todos hão de conhecer que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros“ (Jo 13,34).

Portanto, Jesus viveu com seus discípulos, dentro da comunidade judaica, a vocação original do povo de Israel. Importa ainda chamar atenção para dois outros fatores:

- Jesus e os seus discípulos religavam sua vida à existência de muitos grupos proféticos. Obrigava-os a deixar tudo: a própria casa, a família, tudo quanto possuíam. Jesus não tinha onde reclinar a cabeça. Juntos peregrinavam pelo país, como um grupo profético, anunciando a Boa-nova aos pobres (Lc 4,16-30), partilhando a sorte deles. Queriam trazer a paz do reino de Deus, renunciando a toda violência e levando a paz no próprio coração. Os meios correspondiam ao objetivo.
- Como os profetas do Antigo Testamento, também Jesus e os seus discípulos, assumiram a causa da justiça e dos pobres, que – carentes de qualquer esperança terrena –, esperavam tudo só de Deus. Contra os representantes oficiais do judaísmo, Jesus colocou-se junto com os seus seguidores, ao lado dos pobres. Convém verificar o quanto esta atitude se integra na tradição profética. A prova disso é a expulsão dos vendedores do templo. „Está escrito: ‘Minha casa será chamada casa de oração’“ (Mt 21,12-13) e não uma casa onde os forasteiros e os pobres estão sendo discriminados (cf. Is 56,1-8).

A Igreja

5.2.

Para caracterizar a relação íntima existente entre Jesus e os seus discípulos, São Paulo utiliza a palavra *koinonía*. Esta palavra foi traduzida muitas vezes por „comunidade“ ou „comunhão“. Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, a palavra *koinonía* é utilizada unicamente para indicar pessoas que colaboram numa mesma obra ou numa mesma ação. Paulo, porém, emprega esta expressão ao falar da comu-

nidade, onde o Filho de Deus entrou para transformá-la numa *koinonía*. As relações, dentro de um tal grupo, são tão estreitas e densas que se dizia: somos uma *koinonía* no Espírito:

„O que vimos e ouvimos, nós também vos anunciamos, a fim de que também vós vivais em comunhão (*koinonía*) conosco. Ora, nossa comunhão (*koinonía*) é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo“ (1Jo 1,3).

A realidade fundamental da Igreja é: ser comunidade, povo, *koinonía*, Corpo de Cristo. A Palavra de Deus nos convida a isso. Foi essa a finalidade pela qual Jesus veio ao mundo. A Igreja não tem outro sentido. Paulo teria ficado consternado se lhe fosse dado ouvir religiosos modernos falarem: „Vamos formar uma comunidade!“ Se fossem capazes de fazer isto sem o Senhor, então a vinda de Jesus teria sido supérflua. Porém, somente Ele é capaz de formar comunidades, reconciliando judeus e pagãos.

„Pois, é Ele a nossa paz. Ele, que de dois fez um só povo, derrubando o muro de separação, a inimizade, em sua própria carne; anulando a Lei dos mandamentos expressa em decretos, para fazer em si mesmo, dos dois, um só homem novo, estabelecendo a paz e reconciliando ambos com Deus num só corpo pela cruz; e matando em si mesmo a inimizade“ (Ef 2,14-16).

Compete a nós celebrar isto e realizar na vida aquele projeto que o Cristo nos trouxe. São Lucas o entendia assim:

„Freqüentavam com assiduidade a doutrina dos apóstolos, as reuniões em comum, o partir do pão e as orações“ (At 2,42).

Esta descrição constitui o modelo fundamental para todas as comunidades eclesiais, nos primeiros dois séculos. Viviam como Igreja clandestina. Era perigoso ser cristão. Ajudavam-se mutuamente e viviam segundo o Evangelho. Os quatro evangelhos surgiam para ajudar as comunidades a viverem como *koinonía*, como Corpo de Cristo. Foram escritos pela comunidade e para a comunidade, para darem respostas às suas próprias perguntas.

Como os homens do Antigo Testamento, também os cristãos responderam ao chamado de Deus. Queriam estar atentos à voz de Deus, vivendo em íntima união com Ele, transmitindo, por uma ação sacerdotal, uma imagem fiel d’Ele estando imersos na santidade divina. Naquela época não havia necessidade de comunidades proféticas, pois a Igreja, ela mesma, era a única comunidade profética.





As Ordens religiosas como comunidades proféticas

6.

Como surgiram as Ordens religiosas? Qual a sua finalidade dentro da Igreja?

Uma situação mudada

6.1.

No início do século IV, a situação da Igreja mudou profundamente, a partir do Imperador Constantino, e mais tarde, sobretudo, quando o cristianismo foi declarado „religião do Estado“.

A Igreja já não tinha mais necessidade de viver clandestinamente. Já não era oprimida ou perseguida, mas, pelo contrário, tornara-se um lugar de refúgio para todos. Para poder ser funcionário do Estado ou trabalhar em qualquer repartição pública, era preciso ser membro da Igreja. Na mesma proporção em que crescia o número de cristãos, crescia igualmente o grau de mediocridade e de superficialidade na fé.

A decadência da vida cristã levou à necessidade de inventar uma quantidade de estruturas, instituições e organismos, grandes casas e muitos ofícios, para organizar esta multidão. A Igreja primitiva de tudo isto não precisara, de maneira que não existiu nenhuma vida religiosa nos primeiros dois séculos do cristianismo, exceto alguns eremitas e profetas solitários, mas não havia ainda uma vida religiosa estruturalmente organizada.

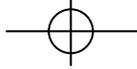
O modelo da Igreja primitiva

6.2.

Começou, então, a repetir-se a mesma evolução que já havia se dado no Antigo Testamento: a institucionalização e a profecia condicionavam-se uma à outra. Os chefes da Igreja mantinham uma máquina bem lubrificada, em vez de fomentar as comunidades na koinonía. Fazia-se necessário que alguém viesse relembrar à Igreja a sua finalidade. Surgiu então a vida religiosa.

Pessoas isoladas começaram a se dar conta da diferença entre a vida da Igreja que conheciam e a das comunidades primitivas. Procuraram, então, espontaneamente, imitar o ideal descrito nos Atos dos Apóstolos:

„E todos que tinham fé viviam unidos, tendo todos os bens em comum. Vendiam as propriedades e os bens e dividiam com todos, segundo a necessidade de cada um.



Todos os dias se reuniam unânimes no Templo. Partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus entre a simpatia de todo o povo. Cada dia o Senhor lhes ajuntava outros a caminho da salvação” (At 2,44-47).

Portanto, as primeiras formas de vida religiosa pautaram-se pelas primeiras comunidades, como notou João Cassiano, no século IV. Escreveu que os primeiros religiosos se separavam do povo „para praticarem aquilo que os Apóstolos haviam ordenado a toda a Igreja” (Conf. 18, cap. 5). Em outras palavras: estes grupos se segregavam da comunidade maior para viverem o carisma profético:

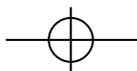
„São esses dois aspectos, aparentemente contraditórios, que caracterizam o profeta: é membro da comunidade, sentindo-se, ao mesmo tempo, distanciado dela. A imagem clássica do profeta, que se afasta para viver no deserto, exprime isto. De um certo modo, está livre das estruturas, obrigatórias em qualquer comunidade normal ... Os profetas são chamados para fora da comunidade para falar à comunidade” (R. Haughton).

Entre todas as tarefas da vida religiosa, a primeira é a obrigação de reconvocar a Igreja à fidelidade ao Evangelho. Sem esse aspecto privilegiado, a Vida Religiosa degenera ao nível de mero trabalho social ou a uma ocupação assalariada barata, perdendo assim sua razão de ser original e essencial.

Por causa do seu papel profético na Igreja, as Ordens religiosas se mantêm numa relação de certo modo tensa face à instituição. Isto acontece cada vez que as estruturas desta última se enrijecem ou quando se concentram exclusivamente no esforço de manter sua posição privilegiada de liderança. Portanto, o perigo de que a instituição possa procurar assimilar a vida religiosa é sempre atual e presente.

O profeta é uma pessoa incômoda. É hostilizado porque questiona as estruturas vigentes de poder que dificultam a evolução da vida e deixam de servir à humanidade. Isto pode acontecer tanto no âmbito político como no âmbito eclesial. Desde sempre, os profetas incomodaram os outros a ponto de serem desprezados, perseguidos e até mortos.

Foi esta a sorte de muitos profetas do Antigo Testamento; e essa foi também, de modo especial, a experiência de Jesus: „Os seus não o receberam” (Jo 1,11). À medida que assumirmos verdadeiramente a nossa tarefa profética dentro da Igreja e da sociedade, será a nossa vez de fazer essa experiência. Mas também o contrário acontece: se, por acaso, gozarmos da benevolência e simpatia dos poderosos e influentes na Igreja e na sociedade, teremos de perguntar-nos a nós mesmos se estamos a ponto de descuidar e de trair a nossa missão profética.





Francisco de Assis e o seu movimento

7.

Os historiadores frisam que Francisco constituiu, com seu movimento, a força renovadora mais importante da Igreja medieval. Porém, como será possível interpretar esta força? E que importância continua tendo para todos os que ainda hoje têm seu ponto de referência em Francisco?

O elemento profético em Francisco de Assis

7.1.

Aquilo que Francisco fez é algo que tem a ver com a Igreja inteira. Isto se torna claro a partir do acontecimento que se deu na igreja de São Damião, quando lhe foi ordenado pelo Crucifixo: „Francisco, vai e repara minha casa que, como vês, está toda destruída“ (2Cel 10). Inicialmente, Francisco tomou essa ordem ao pé da letra, restaurando três pequenas igrejas. Somente mais tarde, entendeu tratar-se realmente da renovação da Igreja sobre o fundamento que Jesus havia estabelecido. Francisco, portanto, estava bem consciente de que a sua primeira tarefa consistia em relembrar o Evangelho à Igreja e a viver as exigências nele contidas. Sua comunidade de frades formava uma *ecclesiola*, uma mini-igreja, formada segundo os critérios do Novo Testamento. O que Francisco visava era um retorno incondicional ao Evangelho. Apesar de não denunciar publicamente os erros e até a irrelevância da Igreja do seu tempo – pois nem o clero nem a hierarquia jamais ouviu acusações condenatórias de sua boca –, mesmo assim Francisco e os seus irmãos foram testemunhas vivas e sensibilizadoras da própria essência da Igreja.

Assim, a reminiscência da tradição profética estava bastante clara. Mais evidente tornou-se quando lembramos que Francisco imitava o comportamento dos profetas do Antigo Testamento, perambulando pelo país como profeta nômade, assim como também Jesus o havia feito com os seus discípulos. A ausência de qualquer tipo de posse, a instabilidade de vida, a pregação da penitência como chamado à conversão, a solidariedade com os pobres e deserdados, são todos sinais distintivos não somente dos profetas bíblicos, mas também de Francisco e do seu movimento na sua fase inicial.

De fato, não era a Igreja primitiva, descrita nos Atos dos Apóstolos, que estava à base do modelo primordial de Francisco. Antes, refere-se muito mais ao estilo de vida assumido por Jesus e seus discípulos, descrito por Mateus (cap. 10) e Lucas (cap. 9 e 10), no „sermão do envio“. Assim, Francisco demonstra que ele está unicamente preocupado em obedecer aos objetivos de Jesus.

O elemento profético em Clara de Assis

7.2.

No mosteiro de São Damiano, Clara e suas companheiras realizaram, a seu modo, a vida conforme o Evangelho. Numa sociedade que avaliava as pessoas de acordo com suas posses ou sua ascendência na escala social, a comunidade de São Damiano não reconhecia esse tipo de diferenças. Com razão, poderia ser chamada de o germe inicial de uma Igreja fraterna.

Livre de qualquer coação social ou tradicional, exercida por estilos de vida que – naquela época – marcaram a sociedade ou a vida conventual, a comunidade fraterna de São Damiano concedeu a cada um dos seus membros a mesma dignidade. Simultaneamente, exigia de cada irmã o delicado respeito mútuo para com todas as suas companheiras. Assim, este grupo de mulheres possibilitou o surgimento de um novo modo de relacionamento interpessoal. O sinal característico e distintivo dessa nova relação foi o simples tratamento por „irmã“. Era uma palavra nova no vocabulário conventual do século XIII. Tanto para Clara como para Francisco, o elemento fraterno era fundamental. Assim, as irmãs de São Damiano se incorporam num grupo de mulheres que procurava um novo lugar na realidade social e eclesial.

Um outro sinal distintivo da comunidade fundada por Clara é sua relação com qualquer propriedade. Pediu do Papa o privilégio da pobreza absoluta. Era costume que os mosteiros solicitassem dos pontífices privilégios que, via de regra, visavam o direito de manter ou aumentar suas posses ou seus poderes. Clara, pelo contrário, pediu ao Papa que sua comunidade tivesse o direito de viver sem qualquer tipo de posse, apresentando, com isto, um sinal profético. Depois, porém, teve que lutar contra vários Papas quase até o fim de sua vida até alcançar o direito de viver esse privilégio.

Hoje o movimento franciscano continua profético?

7.3.

Depois do Concílio Vaticano II, ou seja, durante o Capítulo Geral de Madri (1973), os franciscanos produziram um documento onde confirmam: *„Acolhendo na fé o Evangelho de Cristo, Francisco teve consciência de estar sendo enviado com seus irmãos ao mundo para testemunhar, opor seu gênero de vida e proclamar pela palavra a conversão ao Evangelho, a chegada do reino de Deus e a manifestação de seu amor entre os seres humanos. A consciência desta missão lhe dava o dinamismo espiritual, a mobilidade, a audácia e coragem a todas as partidas...“* (Madri 1973, § 3).

No mesmo documento, vem sublinhada a dimensão profética da vida franciscana: *„Certamente, nossa forma de vida, na medida em que for vivida, é uma forma de contestação à mediocridade e às insuficiências das pessoas e estruturas“* (§ 9).



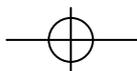


„A missão essencial da nossa fraternidade, sua vocação na Igreja e no mundo, consiste na realização vital do nosso projeto de vida... Nossa contribuição à construção da Igreja e da humanidade se resume, em primeiro lugar, nisso: é por nossa vida antes de tudo que daremos testemunho“ (§ 31).

Fontes eclesiais e franciscanas*

Bíblia	Gn 4,1; Ex 19,5s; Lv 19,18; Nm 6; Dt 6,5; 1Rs 19; Is 8,18; 56,1-8; Jr 13; 16; 35; Ez 4s; 12; 24; Os 2,16s; 4,4-6; 5,4; 11; 18; Am 2,11s; 5,24; Mt 10; 13,57; 16,24; 21,11-46s; 21,12s; 22,37-40; Lc 9s; Jo 1,11; 13,34; 15,17; At 2,42-47; Gl 3; Ef 2,14-16; Fl 3,10; Ap 2,4s.
Documentos da Igreja	
Fontes	Test 14s; 1Cel 18; 43; 2Cel 10; 61.
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFMCap – OFMConv	Capítulo Geral, Madri, 1972.
OSC (Clarissas)	
OSF (TOR)	
OFS	
Suplementos	

* Observação: As fontes podem ser anotadas pelo(s) participante(s) do curso.



Exercícios

IV.



Exercício

1º

Descreva a pintura, feita por Giotto, que mostra Francisco como profeta.

„E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa mo confirmou. E os que vinham para abraçar este gênero de vida distribuíaam aos pobres o que acaso possuíam” (Test 14s).





Exercício

2º

Leia mais uma vez, a pergunta formulada no item 7.3. da presente lição: „*Hoje o movimento franciscano continua profético?*“

Tarefa:

Cite eventos, acontecimentos ou exemplos recentes das Ordens franciscanas que lhe parecem possuir uma dimensão profética.



Exercício

3º

Leia Jr 13 e 16, e também Ez 4s; 12; 24.

Perguntas:

- 1) De que modo os profetas chegam a ser sinais para o povo?
- 2) Por meio de que imagens e ações simbólicas procuram incitar o povo à conversão?



Exercício

4º

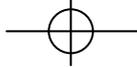
Leia o relato seguinte de Celano: „Exemplo da mesa que prepara em Greccio no dia da Páscoa. Apresenta-se como peregrino, a exemplo de Cristo“.

„Num dia de Páscoa, os frades prepararam no eremitério de Greccio uma mesa mais bonita, com toalhas e vidros. O pai desceu de sua cela, veio para a mesa, viu-a arrumada em lugar elevado e superfluamente enfeitada. Mas não sorriu com toda aquela alegria. Às escondidas e devagarinho, saiu, pôs na cabeça o chapéu de um pobre que lá estava, tomou um bordão e foi para fora. Esperou à porta até que os frades começassem a comer, porque estavam acostumados a não esperá-lo, quando não vinha ao sinal. Quando iniciaram o almoço, clamou como um verdadeiro pobre à porta: ‘Por amor de Deus, dai uma esmola a este peregrino pobre e doente’. Os frades responderam: ‘Entra, homem, por amor daquele que invocaste’. Entrou logo e se apresentou aos comensais. Que espanto provocou semelhante peregrino! Deram-lhe uma escudela, e ele se sentou à parte, pondo o prato na cinza. E disse: ‘Agora estou sentado como um frade menor’. Dirigindo-se aos irmãos, disse: ‘Nós nos devemos deixar levar mais pela pobreza do Filho de Deus que pelas outras pessoas religiosas. Vi a mesa preparada e enfeitada, e vi que não era a de pobres que pedem esmola de porta em porta’. O fato demonstra que ele era semelhante àquele outro peregrino que ficou sozinho em Jerusalém nesse mesmo dia de Páscoa. Mas, quando falou, fez arder o coração de seus discípulos“ (2Cel 61).

Pergunta:

Que relação existe entre este relato e o conteúdo da presente lição?





Aplicação

Aplicações

V.

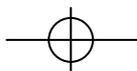
1°

Faça uma análise do texto seguinte, escrito por Adrienne von Speyr sobre o profetismo:

„Aos seus escolhidos, Deus não confia somente seus mistérios, mas lhes comunica também algo de sua santidade. Recebem o direito de participar em coisas que ninguém pode suportar, a não ser que seja conduzido por Deus por uma obediência íntima. Renunciaram a seus próprios projetos; são pessoas conduzidas que anunciam e ordenam na fé aquilo que não conseguem abranger pela vista. Nenhum poder externo, nenhum esforço voluntário, nenhum conhecimento adquirido é capaz de transformar uma pessoa tanto quanto uma palavra de Deus experimentada, quando o Espírito dá testemunho daquilo que o Pai criou, ordenou e infundiu no Filho. Deste modo, o profeta torna-se uma testemunha pelo Espírito que habita nele. Anuncia acontecimentos e realidades que são reais unicamente no tempo transtemporal de Deus. E aquilo que consegue balbuciar como profeta, ou até aquilo que proclama com voz forte e demonstra por uma atitude inflexível, é algo que ele mesmo, no fundo, não entende, porque continua sendo um dom divino puramente recebido... Ele não pode calar a verdade, mesmo se inicialmente tentou resistir a ela, porque Deus, que o conduz, é maior do que seus pensamentos, sua vontade e também sua própria necessidade. A necessidade de Deus ultrapassa as necessidades dos seres humanos. Portanto, o profeta anuncia como alguém que sucumbiu ao poder de Deus, simultaneamente, porém, como um ser que tem o direito de erguer seu olhar ao seu Pai“.

Perguntas:

- 1) Neste texto, quais são os indícios mais marcantes de um profetismo autêntico?
- 2) Será que coincidem com aquilo que foi dito nesta lição?





Aplicação

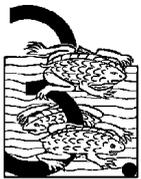
2^a

Leia a seguinte sentença:

„As Ordens religiosas constituem uma espécie de terapia de choque dado pelo Espírito Santo a toda a Igreja universal“.

Tarefa:

Como você se posiciona frente a esta sentença de Johann B. Metz?



Aplicação

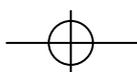
3^a

Alguns exemplos de atitudes proféticas dos tempos modernos:

- No Brasil, o Cardeal D. Aloísio Lorscheider sentou-se em cima do telhado de um pobre casebre que devia ser derrubado pela polícia, às ordens de um grande proprietário de terras. Com este gesto, D. Aloísio queria fazer valer os direitos dos pobres.
- Nos EUA, os dois irmãos jesuítas Berrigan queimaram ordens de alistamento com napalm, a fim de estigmatizar o uso de napalm na Guerra do Vietnã.
- Na Índia, Mahatma Gandhi organizou uma grande marcha a pé até o mar, a fim de denunciar o monopólio do sal, mantido pelos ingleses, e para exigir a independência da Índia.

Tarefas:

1. Procure outros exemplos de pessoas proféticas do nosso tempo que – por meio de ações simbólicas – tentam incitar os outros a fazer uma mudança de vida.
2. Reflita como você reagiria pessoalmente. Você seria capaz de atitudes semelhantes?



**Um trecho dos „Fioretti“ das Clarissas de Ruanda:**

„Algumas irmãs, membros da etnia dos Tutsi, foram perseguidas. Sabiam que os milicianos queriam matá-las. Outras irmãs, porém, que pertenciam ao grupo étnico dos Hutu, procuravam protegê-las com amor fraterno e estavam prontas a dar suas próprias vidas por elas. Foram escondê-las e montaram guarda. Várias vezes os milicianos vieram à procura delas, mas não as encontraram.

Porém, no decorrer do tempo, ficou cada vez mais difícil escapar dos comandos assassinos. Por isso, fugiram para um outro lugar; mas também lá ficaram em perigo depois de pouco tempo. A casa foi cercada por soldados que vieram para saquear e matar. As irmãs estavam com muito medo. Porém, uma delas tomou coragem, foi ter com os soldados e falou com eles: ‘Irmãos, creio que vocês devem estar muito cansados’. ‘Quem são vocês? Seguramente estão escondendo inimigos’. ‘Somos clarissas e viemos de Kamonyi. Estamos aqui para rezar também por vocês’. ‘Vocês rezam?’ ‘Sim, estamos convidando vocês a rezarem conosco’. E a irmã lhes ofereceu tercinhos. Depois que um dos soldados concordou, dizendo que iria aceitar a oferta com gosto, os outros também acabaram se aproximando. A irmã deu um terço a cada um, dizendo que ela esperava que a paz voltasse o quanto antes ao país. Os soldados foram embora, visivelmente impressionados, sem fazer mal a nenhuma das irmãs.

Mais uma vez, as irmãs tiveram que fugir; porém, sempre encontraram gente boa que lhes oferecessem abrigo. Por onde passavam, procuravam manter sua vida conventual e se alternavam rezando. Ajudavam a outros que elas encontravam no caminho, dando-lhes coragem e se engajando corajosamente em benefício deles. Muita gente bateu no peito dizendo: ‘Se todos os religiosos fossem como essas mulheres, então o mal que está afligindo o nosso país nunca teria acontecido’.

Perguntas:

- 1) **Em que sentido pode-se dizer que as atitudes demonstradas pelas irmãs são proféticas?**
- 2) **Como é que a gente chega a assumir um papel profético?**
- 3) **Como você explicaria a reação dos soldados e das outras pessoas?**

Bibliografia

VI.

Congar, Y.

- „A pobreza na vida cristã, cercada por uma sociedade de consumo“. In: *Concilium* 2 (1966) 343-357.
- „Tentativa de uma síntese católica“. In: *Concilium* 17 (1981) 669-679.

Conti, M.

- *La missione degli Apostoli nella Regola Francescana* (Gênova 1972).
- *Lettura biblica della Regola Francescana* (Roma 1977).

Doornik, N.G.M. van

Franz von Assisi, Prophet und Bruder unserer Zeit (Freiburg 1977).

Flammer, B.

„Prophet und Tempel“. In: *Franziskanische Studien* 65 (1983) 35-42.

Hahn, F.

Das Verständnis der Mission im Neuen Testament (Neukirchen-Vluyn 1963)

Haughton, R.

„The Church's Prophetic Vocation“. Anotações de uma conferência na Univesidade St. John's (Colleville, Minn.).

Iserloh, E.

Charisma und Institution im Leben der Kirche, dargestellt an Franz von Assisi und der Armutsbewegung seiner Zeit (Wiesbaden 1977).

Kertelge, K. (edit.)

„Mission im Neuen Testament“. In: *Quaestiones disputate* 93 (Freiburg 1982).

Laurentin, R.

„The Law in the Church“. In: *IDOC* (1967) 41-52.

Matura, Th.

Die Lebensordnung nach dem Evangelium (Werl 1979).

Metz, Johann B.

Zeit der Orden? Zur Mystik und Politik der Nachfolge (Freiburg 1977).

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

Die Suche nach Ganzheit (= Berichte – Dokumente – Kommentare 59) (Bonn 1995).

Murphy-O'Connor, J.

What is Religious Life? (Wilmington Del. 1977)

Reding, P.

Nebenan ist Jericho (Kevelaer) 25.



Rotzetter, A.

- *Gott bezeugen* (Freiburg 1995).
- *Aus Liebe zum Leben. Die evangelischen Räte neu entdecken* (Freiburg 1996).

Speyr, Adrienne von

Das Angesicht des Vaters (Einsiedeln 1955).

Tillard, J.

„Le fondement évangélique de la vie religieuse“. In: *Nouvelle Revue Theologique* 91 (1969) 16-55.

Legendas das Ilustrações

VII.

Capa: São Francisco. Recorte do altar da antiga igreja dos franciscanos em Rothenburg ob der Tauber, Alemanha.

Folha de rosto:

Cristo como Senhor do cosmos. Relevo da fachada da catedral de São Rufino em Assis (séc. XII).

P. 4: Elias encontra o Rei Acab para chamá-lo à conversão. Revestimento do chão da catedral de Siena (ca. 1500).

P. 6: *Papa Inocêncio III abençoa Francisco e a sua regra. Afresco de Giotto na igreja superior de São Francisco (ca. de 1300).*

P. 8: Moisés recebe os 10 mandamentos.

P. 11: Gravura em madeira de P. Reding (1976).

P. 13: Leitura da Torá. Manuscrito espanhol, Museu Britânico (séc. XV).

P. 15: Ilustração do saltério de Canterbury, Biblioteca Nacional, Paris (séc. XIII).

P. 18: Os apóstolos de Jesus. Relevo na igreja de Bourget, Savoia (séc. XIII).

P. 25: *Papa Inocêncio III abençoa Francisco e a sua regra. Afresco de Giotto na igreja superior de São Francisco (ca. de 1300).*



